Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

07
ANO 4

Mar/Abr
2010

# A MARGEM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## «...PARA MUITA GENTE, ESSE LUGAR NÃO EXISTE...»

Especial Lugar 1

Como isto aqui é visto e entendido, por quem dita as regras, é uma das razões de muitos problemas na vida do Baixo São Francisco pag. 3

A canoa Piranhas é o novo quadro da coleção pags. 4 e 5

Especial Lugar 2

Tanto do patrimônio: cultural, histórico, material, imaterial... pags. 6 e 7

**«...eu vinha tão sossegadinha, na boca da noite, tentano caçá alguma coisa pro jantar... mas, na hora di atravessá a pista (o bicho homem asfaltano tudo pela aí, acabano cum os mato), um carro vinha que vinha, pense como corria (tanta da pressa), os faróis mi encandearam...mas eu ainda vi a cara do motorista, qui nem piscou...afinal, né? uma raposa a menos ou a mais, pra esse povo, não faz diferença...acham que num servimo pra nada, somos só uns bicho à toa, só damu prejuízo...tá bom...»**

Filhote de raposa atropelado na pista Piaçabuçu/Peba

## É Prosa Ligeira

A cada número que é fechado e espalhado pela nossa margem, mais um passo: aumentamos um pouquinho a tiragem, em 500 exemplares. Já é o bastante para melhorar o acesso das pessoas a estas informações, além, se houver interesse, de um espaço para contar algo. Desejamos aumentar ainda mais a publicação, para que nenhuma escola ribeirinha fique sem receber o informativo. É difícil, mas não é impossível.

O tema geral desta edição é bem simples: o nosso lugar. Primeiro, revendo como projetos que o transformaram, muitos de forma discutível, nos mostram como ele é visto (ou, muitas vezes desvalorizado e até mesmo ignorado) por aqueles que estão lá em cima, nos cargos de decisão da sociedade. Depois, tentando entender a importância de tantos elementos que compõem o rico patrimônio cultural do Baixo São Francisco, coisas que achamos até sem importância, mas, veremos que não é bem assim.

Sim, há uma boa novidade. Desta vez, tivemos a colaboração de dois estagiários, estudantes da Universidade Federal de Alagoas, do curso de Turismo em Penedo. Esta oportunidade faz parte de um convênio firmado entre a Canoa de Tolda e a UFAL.

## A capa

*«para muita gente, esse lugar não existe...»*, a Ivaneide Lima Gomes, lá da Conceição, interior de Pão de Açúcar, na abertura do documentário «O Rio das Mulheres - Pelo Olhar de Ivaneide», de 2004. Vale até hoje e mostra bem o conflito entre as pessoas da região e os idealizadores de projetos bastante distantes dos anseios da população. Na imagem, um final de tarde de domingo no Mato da Onça, onde, dentro ou fora de casa, o rio e todo o resto ali estão, com sua importância inquestionável, provando que esse lugar, existe, sim. **Imagens Canoa de Tolda / Rio de Baixo.**

## O cartaz

Desta vez, a canoa **Piranhas**, antiga Daniella, que foi de nosso amigo, o finado Zé Pezão, de Penedo. Há alguns anos a canoa foi adquirida pela Prefeitura de Piranhas que executou trabalhos de recuperação, com Mestre Natalício, em Propriá. Desde então, vem navegando em eventos no Baixo São Francisco, sobretudo no alto sertão. A canoa pode ser visitada no porto de Piranhas. **Imagem: Divulgação da Secretaria de Turismo e Cultura de Piranhas.**


## Expediente

**COORDENAÇÃO PROJETO JORNAL A MARGEM**
Carlos Eduardo Ribeiro Junior
**REDAÇÃO E REVISÃO**: Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Paulo Paes de Andrade
**CONCEPÇÃO GRÁFICA**: Canoa de Tolda
**EDITORAÇÃO**: Carlos Eduardo Ribeiro, Daiane Fausto dos Santos
**CORRESPONDENTES**: Antonio Felix Neto (Alto Sertão)
**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:** Fabrício Vasconcelos, Ionara Torres e Josimar Coelho
**APOIO DE SEDE**: Daiane Fausto dos Santos
**LOGÍSTICA/DISTRIBUIÇÃO:** Antonio Felix Neto, Daiane Fausto dos Santos
**PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO/RESPONSÁVEIS:**
Piranhas - Fagna (82)36863145
Povoado Entremontes - Da. Cecília e Aldinho (82) 36866022
Povoado Cajueiro - Vandefátima (79) 88145203 e 88179217
Povoado Mato da Onça - Alciane (82) 91496273 e 96344917
Povoado Bonsucesso - Quitéria (82) 33381012
Povoado Ilha do Ferro - Toinho (82) 3624 8005 e 3624 8006
Pão de Açúcar - Gal (82) 99574221
Povoado Niterói - Antonio Felix Neto (82) 96339267
Comunidade Indígena Xocó da Ilha de São Pedro - Naná (82) 96051036
Vila Limoeiro - S. Chico Marceneiro
Belomonte - S. Oliveira Canoeiro
Povoado Barra do Ipanema - Isabel e Cheila
Povoado Cazuqui - Denise Farias de Medeiros (79) 99715596
Gararu - Marta Maria e Beda da Tabanga (79) 98181121 e 99923740
Traipu - Jackson do Museu
Povoado Escuriais - Maguinho da Sucam (79) 3316 5009
Povoado Munguengue - Joelma de Marilene (82) 35361737/36
Povoado Tibiri - Da. Maria (82) 35556023
Povoado da Saúde - S. Evaldo da Associação de Pescadores
Povoado Penedinho - Petrucio do Pitu (82) 91315186
Ilha das Flores - João Pintor (79) 3337 1230
Povoado Potengy - Ana de Tonho do Cabeço
Brejo Grande - Josimar Coelho
Povoado Saramem - Adriano Corcel e Ceiça
Povoado Cabeço - Dinha da Cocada e Doca (82)9101 7990

**IMPRESSÃO**: Inforgraph - Gráfica e Editora
**TIRAGEM**: 4.000 exemplares


O informativo A Margem é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda. Cartas, sugestões, contribuições de interesse das questões do São Francisco são bem vindas - podendo ou não ter publicação integral. A reprodução de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte e o autor. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou do Projeto A Margem.

Material impresso com papel 100% Reciclado

# FARÓIS

**A LUZITÂNIA ESTÁ QUASE NOVA,** outra vez. Durante o mês de abril, a canoa Luzitânia foi para terra em Piaçabuçu, onde ficou trinta dias para revisão e manutenção geral. A última grande revisão foi em 2009, antes da viagem de filmagem do documentário «De Barra a Barra». Neste encalhe, toda a pintura, interna e externa foi refeita (sempre seguindo os padrões tradicionais), o fundo teve nova aplicação de tinta epóxi, como base para a tinta envenenada. Foram reparadas infiltrações provocadas por impactos em croas - a navegação está cada vez mais difícil, pois a carreiras estão muito aterradas. Nos trabalhos, foi importante o engajamento de profissionais tradicionais, como Araúna de Tonho Carmelo membro de família de barqueiros do sertão sergipano. Foi adquirido novo encerado (de lona), para o toldão tradicional, além de um outro, em vinil, para a total cobertura da canoa (proteção do sol e chuvas no inverno). A Luzitânia passará a contar com um sistema elétrico desmontável (nada que modifique a canoa) de painel solar e baterias especiais. Isto possibilitará independência para a carga de baterias de filmagem, intermete a bordo para comunicações e trabalhos com computadores.

Imagem: Arquivo Canoa de Tolda/Rio de Baixo

Todas estas atividades fazem parte do Projeto Luzitânia, com recursos obtidos através da Lei de Incentivo a Cultura.

**MAS, DE NOVO A MESMA COISA!** Depois de uma infeliz campanha publicitária no ano passado, (ver A Margem Ano 4 - no. 2) cantando as vantagens da transposição - que foi denunciada ao Comitê da Bacia do São Francisco, e teve ação movida pelo Ministério Público Estadual da Bahia - volta o governo federal a divulgar pelo Baixo São Francisco, mais uma propaganda apelativa para o projeto. A mesma tentativa de fazer crer que os irmãos do nordeste das bandas de cima, estão a sofrer sede: imagens de criança bonita bebendo sua *aguinha*, de gente feliz da vida (com o projeto?), e as mensagens: «Água para quem tem sede» e «Para quem tem sede de informação». Além de ser propaganda que não informa, de fato, a realidade da situação (veja quadro na matéria na página 3), ocorre com o Governo Federal e o Ministério da Integração, cientes do conflito de uso da água gerado pelo projeto da transposição (agora com o nome de Projeto São Francisco) , sobretudo aqui no Baixo São Francisco. E, como se tudo estivesse em ordem, segue a obra. Reflexo de mais um ponto de vista bem contrário ao da população destas bandas.

Imagem: Arquivos Canoa de Tolda / Rio de Baixo

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

UM PROJETO
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIO-AMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

IMAGENS/REPORTAGENS VIA
RIO de BAIXO
Centro de Audiovisual do Baixo São Francisco

EMBARCAÇÕES/NAVEGAÇÕES VIA
Projeto LUZITÂNIA

APOIO CULTURAL NA IMPRESSÃO
Gráfica & Editora Inforgraph

APOIO LOGÍSTICO NA DISTRIBUIÇÃO
CODEVASF 5a. SR/AL

**Canoa de Tolda - Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco**
CNPJ 02.597.836/0001-40
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado - 49995-000 Brejo Grande SE
Tel/Fax (79) 3366 1246

Alagoas - R. Mestre Francelino, 255 - Centro - 57210-000 Piaçabuçu AL
Tel (82) 3552 1570
End. eletrônico **canoadetolda@canoadetolda.org.br** e **ygara@ygara.arq.br**
Internet **www.canoadetolda.org.br**

# Pontos de vista que se topam: vale o de quem?

## Revendo como políticas públicas equivocadas e não-participativas compõem o retrato de como «os de cima» vêem os do Baixo...

Texto base: CANOA DE TOLDA

Imagens: CANOA DE TOLDA/RIO DE BAIXO

Foto: Arquivo Carlos Eduardo Ribeiro/Canoa de Tolda

*A coisa não para. Todos os dias, em nossos lugares, vemos coisas acontecendo, a paisagem, urbana ou natural, se modificando. Além das intervenções dos moradores dali, vemos, da parte do poder público, reformas de praças, prédios públicos, abertura de estradas, ruas... Essas ações, normalmente, devem vir de um planejamento muito sério para a implantação daquilo que se chama* ***políticas públicas:*** *ações - dentro de um orçamento aprovado pelo poder legislativo - destinadas a promover o bem estar da população atual e condições favoráveis para a população futura. E mais: tais iniciativas devem ser, sempre, produto de discussão dos governos (municipal, estadual e federal) com a sociedade. Se não há participação democrática de fato, as políticas públicas espelharão, apenas, a forma como «os de cima» veem, ou não veem nosso lugar.*

**COMO PELA AÍ, O BAIXO SÃO FRANCISCO** de hoje é um lugar que, além de ter sido modificado pela ação de seus ocupantes durante centenas de anos, foi também, em tempos mais próximos, moldado de forma irreversível pelas tais políticas públicas. Com a construção das grandes barragens, iniciadas com Sobradinho, o primeiro impacto sentido foi a mudança do comportamento do rio**.** As águas, que passaram a ser vistas - tecnicamente - como **recursos hídricos,** seriam destinadas prioritariamente para a geração de energia. Foi uma decisão exclusivamente de governo. Guiando tudo isso, uma idéia de progresso gulosa de energia. O resultado está aí: o rio com os ciclos naturais invertidos, fim das cheias, vazões que não favorecem o ecossistema, o peixe sumiu, erosão e assoreamento cada vez mais sérios, avanço do mar no litoral da foz. Tudo esquisito, atingindo diretamente a vida das pessoas e sem perspectivas de soluções a curto prazo. Pois. Temos aqui um bom exemplo de política pública equivocada a partir de um ponto de vista, de uma forma de «ver este lugar», sem considerar e valorizar o conjunto de elementos que o formam, a começar pelas pessoas.

**A HIDRELÉTRICA DE XINGÓ É INAUGURADA** perto da metade da década de 90, após a barragem de Itaparica, no Sub-Médio São Francisco. Com mais este projeto imposto que *desconheceu*, ainda uma vez, a importância «desse lugar», o Baixo São Francisco veio a sofrer o golpe de misericórdia, com os efeitos das «marés» artificiais ao longo da semana, geradas pela operação da hidrelétrica. É a mão do **ONS - Operador Nacional do Sistema Elétrico** (ver A Margem no.1 ), «pilotando» a *torneira* que controla as águas do São Francisco. Desde então, vemos o aumento, acelerado, da erosão das margens (já bem comprometidas pela ação do próprio homem, que tudo desmatou) e do aumento das croas. No início de 1998 o povoado Cabeço é definitivamente varrido do mapa pelo avanço do mar. Um aconteci mento terrível, que se transformou em símbolo dos erros sobre erros mode mais projetos e ações que jamais reconheceram, devidamente, a realidade *desse lugar* e sua gente.

**NO INÍCIO DOS ANOS 2000, O PESADELO** da barragem de Pão de Açúcar, projeto antigo, (ver A Margem no. 02) volta a assombrar: muitas informações desencontradas, gente executando medições e sondagens na região, entrevistas em rádios locais gavando as vantagens do projeto («*...geração de empregos, desenvolvimento, blá-blá-blá*...»), como se fosse a redenção disso aqui. Naquela época o São Francisco atravessava um período de estiagem braba. Era ainda mais clara a impossibilidade de água para dar sustento a tal projeto, sem falar no agravamento dos já grandes, impactos de Xingó e a inundação de muitas comunidades. Reações pontuais de organizações da sociedade acalmaram os planejadores lá de cima. Por ora.

**MUDANÇAS DE GOVERNO MUDARAM O ALVO** das atenções. Foi quando o tema da transposição das águas do São Francisco para o nordeste **setentrional** começou a tomar a forma de projeto. O governo federal dá início a uma série de audiências públicas onde, de forma dura, a população do Baixo São Francisco se mostra contrária ao projeto. Várias audiências, inclusive, não foram realizadas, tamanha a indignação das pessoas. Veio uma certa trégua, pensava-se a coisa morta. Porém, contrariando promessas eleitorais e a desaprovação popular, o governo inicia as obras da transposição com o Exército e seu batalhão de engenharia. Há também o uso de propaganda confusa (fácil lembrar da tal «*caneca para os irmãos que têm sede*»), colocando setores da população dos estados da região, uns contra os outros. O conflito está instalado. Mas, as pessoas e seu lugar, no rio de baixo, são ignorados, mais uma vez.

**A PRIORIDADE DA ÁGUA PARA A GERAÇÃO DE ENERGIA**, ao final de 2007 (outra vez a mão do «piloto» ONS) revela o pior: o rio «*secou*»! Para refazer o estoque de água em Sobradinho e Itaparica, numa decisão inédita, autorizada pelo **IBAMA** e pela **ANA - Agencia Nacional de Águas**, e contrariando a vazão mínima de 1300 m3/s (estabelecida pelo Comitê da Bacia) a CHESF reduz a vazão do São Francisco, abaixo das barragens, para cerca de 1100 m3/s de janeiro a abril de 2008. Mais prejuízos e transtornos para a população e ecossistemas do Baixo. Técnicos da ANA *visitaram* a região, o lugar: visitas técnicas que, na verdade, foram sobrevôos de helicóptero, a partir dos quais foram elaboradas conclusões de que não havia calamidade. Sem dúvida, pontos de vista muito diferentes de como o lugar é divulgado pelo ribeirinho, que não foi, como de regra, questionado.

**AGORA, O BAIXO PASSA A SER UM LUGAR** «possível» de instalação de usinas nucleares. Acenos de milhões de reais a serem investidos na região provocam a competição entre estados que deveriam estar unidos: *é tudo* candidato a receber usina. E, coroando tanta insensatez, mais um projeto, uma duvidosa ponte, ligando Alagoas e Sergipe na região da foz, já tremendamente agredida de todas as formas . Nos dois casos, seguindo a rotina, o lugar e sua gente são desconsiderados, com as pessoas ausentes de discussões e possibilidades de escolhas para a construção de um futuro desejado. Mas, «é uma vontade dos governadores», como dizem representantes, para atender ao «sonho do povo do Baixo». Sonho com ponte? Ô xente, ô xente, ô xente... Aqui se sonha com xira, tubarana, pitu, cheias, aparições de peixes, panela cheia, roças de milho, arroz, feijão, banho de rio, e a possibilidade de um final de tarde, em paz, como o finado Abel Aleijado, piloto da Luzitânia, e Avelardo, lá no Mato da Onça, final de tarde bonito, olhando o rio correr para o mar.

## Levando canecas d'água para potes que estão cheios

Entrevistado pela National Geographic Brasil (abril/2010), Jerson Kelman, ex-diretor da ANA mostra sua visão, quando não concorda que o baixo São Francisco tenha sido prejudicado com as barragens da CHESF.... «pois com as barragens e Sobradinho, o rio ficou regularizado...a vazão média despejada no mar diminuiu um pouco...e o que será retirado do rio com a transposição é menos de 3%...achar que o rio ficará «anêmico» é uma teoria falsa..» Indo mais além, Kelman confirma o que já se sabe há muito tempo: no nordeste setentrional (para onde o Governo Federal anuncia que levará *água para quem tem sede)* «...para as pessoas beber, tomar banho ou cozinhar, sim, há água...não é necessário importar nem uma gota sequer:...basta instalar cisternas ou reservatórios para armazenar o líquido...se o objetivo forem atividades econômicas sustentáveis...é preciso garantia de água...nesse sentido a transposição pode ser um projeto diferenciador...»

Thomaz da Mata Machado, Presidente do Comitê da Bacia do São Francisco, coloca as coisas de forma bem diferente: «Ele (Kelman) assume claramente o nosso ponto de vista quanto ao abastecimento humano nas bacias receptoras. Não há déficit. Portanto a propaganda do governo na fase de discussão da transposição partia de uma premissa falsa. Assume também o objetivo econômico do projeto embora levante a questão de sua viabilização prática quando compara ao rio Colorado, nos Estados Unidos. Lá todos os operadores econômicos assumiram o ônus antes. Aqui não. Esta informação é animadora pois levanta a dificuldade de funcionamento prático da transposição sem forte subsídio governamental, que seria para os grandes produtores agrícolas, um escândalo. Em relação ao baixo São Francisco ele segue com o mesmo discurso. Não é 3% apenas. A necessidade de reservar a água nos reservatórios para a produção de energia resulta em uma vazão alocável para os outros usos muito baixa. E não são números. A perda da sazonalidade do rio nos anos recentes comprova isto. O Prof Kelman não considera um conceito essencial, a vazão ambiental: água necessária para os peixes e ribeirinhos. Para ele toda a água é para uso humano. Ele continua pensando como os americanos do inicio do século passado que criaram a tragédia do rio Colorado. Naquela época é compreensível. Hoje não. Os estragos que nós seres humanos já provocamos demonstram a necessidade da mudança de paradigma. Xingó quase liquidou o baixo São Francisco no sentido econômico, social e ambiental. Isto não pode se repetir. O conceito de vazão ambiental é uma ferramenta extraordinária para os novos projetos de hidroelétricas e para a revitalização. Esta é a grande tarefa do Comitê de Bacia do rio São Francisco no próximo período: definir a vazão ambiental»...

Foto: Divulgação Secretaria de Municipal de Turismo e Cultura/Prefeitura Municipal de Piranhas

"Piranhas"
canoa de tolda de 200 sacos

# Pois um lugar é tanta da coisa ao mesmo tempo

## Além da natureza, o «resto», que muitas vezes nem percebemos, também deve ser valorizado

Reportagem: IONARA TORRES e FABRÍCIO VASCONCELOS - Estudantes de Turismo da UFAL/Penedo
Imagens: Canoa de Tolda/Rio de Baixo/Ionara Torres e Fabrício Vasconcelos

***Os bens patrimoniais, como recursos naturais e culturais, são riquezas presentes em nosso cotidiano, possuindo considerável relevância histórica e afetiva para a comunidade de uma determinada região, onde algumas pessoas mantém as tradições como nossos pais e avós.***

***Dessa maneira, pergunta-se: a população atual está dando continuidade às tradições dos seus antepassados, ou estão apenas ligados ao que assistem na televisão? Tudo muda de acordo com o tempo, queremos ter uma vida melhor e isso é possível, desde que não abandonemos nossa própria realidade. A culpa não está na tecnologia, mas em nós mesmos, por permitirmos esse avanço tecnológico interferir em nossas vidas. Muitas vezes não percebemos o que está em nossa volta, não paramos para ver e questionar sobre o ambiente que nos cerca.***

Coisas comuns, como a receita da vovó, brincadeiras de criança, um prédio velho, a pesca no rio, ou qualquer outra coisa que tenha um valor simbólico em nossas vidas, fazem parte do que chamamos de patrimônio material e imaterial. Anderson, informante turístico de Piaçabuçu, fala que: «o povo desconhece a sua própria realidade, sua própria história e não preserva por conta disso, por não saber o quanto de história que a gente tem, pode ser passado pra muita gerações e acaba destruindo sem mesmo saber o que a gente tem de bom aqui».

Usufruímos dema siadamente dos recursos naturais e acabamos degradando áreas que deveriam estar destinadas à preservação ambiental. Podemos observar que muitas cidades lançam o esgoto nas águas do rio, como se fosse algo normal, quando políticas públicas de saneamento básico são a solução para essa problemática. Mas, a sensibilização das pessoas que normalmente jogam o lixo diretamente no meio ambiente é importante para a preservação desse patrimônio, pois as conseqüências podem ser irreversíveis, interferindo na sobrevivência do ecossistema. O ambiente natural faz parte de nosso legado patrimonial, é parte de nossa história. Somos responsáveis por garantir que as próximas gerações usufruam desse ambiente, nas mesmas condições ou até em condições melhores das que dispomos hoje em dia.

A história é constituída por elementos como situações, momentos, lugares, sendo necessário ter um visão crítica sobre o ambiente que nos cerca de forma a alcançar uma solução que proporcione satisfação coletiva. Por isso, podemos analisar certas situações, em torno do patrimônio, que nos intrigam. Um exemplo? Quando alguém resolve destruir alguma casa secular para construir uma nova, ou até mesmo modificar toda a estrutura do prédio. Esta situação deixa de lado o valor histórico e afetivo deste bem além de modificar a estrutura paisagística do local, contribuindo com a transformação do ambiente, em que a estrutura urbana passa a se inserir num novo contexto arquitetônico, que por sua vez não corresponde às características próprias do lugar.

Com objetivo de proteger o **patrimônio cultural**, foi criado o **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)** que, com o **tombamento** sacramenta juridicamente a proteção e preservação de todos esses elementos falados acima, para que mantenham suas características originais. A arquiteta Luciane Marcílio Bezerra, Coordenadora no **Programa Monumenta**, explica essa situação: « o processo de tombamento, pode ser em três níveis: municipal, estadual e federal. Em todos você tem que ir ao órgão da Secretaria da Cultura ou até Secretaria de Patrimônio se existir, no município ou no estado. No caso do órgão nacional é o IPHAN, então qualquer cidadão tem o direito de requerer. O que ele tem que fazer? Ele vai ao órgão, ele pergunta qual o procedimento necessário, normalmente se faz um dossiê daquele objeto».

Desta forma, a comunidade pode solicitar o tombamento de um bem material ou imaterial, seja uma dança, um prédio, o modo de fazer uma comida, uma renda ou mesmo a paisagem, algo que tenha um significativo valor para a cultura e história do lugar, como afirma Luciane: «A população, nesse caso, é o apoio ideal. Como é algo que pertence a sua memória, a sua cultura, faz parte da sua história, se ela não se identifica com aquele bem não tem para que o brasileiro querer preservar, então aquele bem vai se acabar, não tem como você assegurar».

Muitos dizem, erroneamente, que reformar é restaurar. Restauração é um processo de recuperação de características originais de um bem, com uso de materiais iguais ou semelhantes aos que foram usados na época em que foi construído apenas um reforço em sua estrutura física. Na reforma, modifica-se sem qualquer critério, usando o material de sua preferência, podendo até derrubar um prédio, por exemplo, para construir outro totalmente diferente ou moderno.

Anderson comenta sobre o sobrado da praça, um prédio secular em Piaçabuçu, que foi totalmente destruído para a construção de uma nova residência: «A gente tira pelo sobrado...o povo não preserva, não cultiva as suas raízes e vem destruindo o acervo todinho que a gente tem com o passar do

o iphan: O patrimônio cultural são formas de expressões de um povo, modos de criar, fazer suas artes, todas a

O **guerreiro** de Piaçabuçu é um **patrimônio imaterial**, pois faz parte da produção cultural das pessoas do lugar, que se exprimem, nesse caso, pela música, pela dança, e pelos saberes de fazer, por exemplo, o vestuário. Este, por sua vez, é **patrimônio material**, pois é algo que se pode tocar.

Esse belo casario, do Povoado Cazuqui é um **bem imóvel**, que faz parte dos **patrimônios materiais**, assim como a paisagem de seu entorno, que completa o lugar. Como é um local de história do cangaço, com forte apelo cultural e afetivo, todo o conjunto é patrimônio cultural.

O fogão de lenha de Da. Maria Deildes, é um objeto utilitário, que tocamos, logo, **material**, que é a expressão de um saber **patrimônio imaterial**. A moqueca de piau, um exemplo de patrimônio imaterial: uma o conhecimento tradicional, que faz parte da famíla, do lugar.

Foto: Paulo Paes de Andrade / Canoa de Tolda/Rio de Baixo

Um bonito chapuz de canoa: Olavinho, de Niterói, admirou um **patrimônio natural**, a paisagem vista de seu lugar, o por do sol para as bandas do Curralinho Velho, e criou sua arte, um patrimônio cultural do Baixo São Francisco, que é a decoração das embarcações.

tempo». Refletindo sobre este comentário, podemos imaginar o impacto que a transformação arquitetônica, como essa ocorrida em Piaçabuçu, pode ocasionar em algumas pessoas. Sempre ouvimos moradores antigos da região, falando de como era sua cidade antigamente e comentando sobre o quanto tudo aquilo mudou. Muitos preferem nem lembrar, na tentativa de evitar a tristeza de enxergar a atual realidade que lhes trouxe um outro modo de ver seu dia-a-dia.

Contudo, ainda existem pessoas que mantém seu acervo histórico com as mesmas características originais, como Dona Noca, bordadeira tradicional, residente em Brejo Grande, que fala sobre sua casa: «acho bonito o formato dela, o museu, que é coisa antiga *né?* Não é *dagora*. Porque a pessoa muda a frente da casa, aí coloca pedra e fica aquela coisa tão lisa e a minha tem a aquele estilo bonito».

Nesse contexto, a escola se apresenta como uma das alternativas para solucionar o problema da "desaculturação" por parte das pessoas. Muitos não percebem que a educação faz parte do crescimento da comunidade. Na escola, o estudante tem acesso a informação e aprende bons hábitos de comportamento. E em conjunto com isso, a comunidade tem participação importante no processo de preservação cultural, como afirma Professora Carmelita, de Piaçabuçu: «Se a gente analisar direitinho, resgatar o que temos na cidade, informar, conseguiremos muitas coisas dentro da cidade, basta que a população também esteja de frente pra isso... temos que dar valores e os valores, quem temos somos nós».

Os moradores precisam desenvolver estima de sua história e tudo aquilo que os cercam para que possam preservar nosso patrimônio cultural. Mas, a concretização desse feito depende da educação escolar, como diz Daniela Pereira de Sousa Filho professora da Universidade Federal de Alagoas - UFAL: «o fato da comunidade dá valor vem da questão dela ser educada para isso. Esse valor se dá porque realmente dentro do processo de construção (do valor ao patrimônio cultural) eles vão aprender a importância histórica da sua comunidade, vão visitando os legados que foram deixados ao longo desses anos, então, quando tudo isso é trabalhado dentro do âmbito da escola e sobretudo a disciplina de história, tem uma certa responsabilidade de despertar nas crianças e adolescentes para essa questão do patrimônio, quando ela consegue fazer uma ponte entre o tradicional currículo da cidade histórica com a realidade local e regional, ela vai valorizar seu patrimônio. Então se essas pessoas não aprendem, não sabem fazer uma ponte entre o que é a sua comunidade hoje com o que ela foi no passado, fica muito difícil que ela consiga atribuir valor, esse é o problema».

No entanto, se faz necessário o resgate e implantação de atividades culturais locais nas escolas, buscando-se incentivar o desenvolvimento cultural e educativo dos alunos, como acontece em Penedo: algumas escolas se mobilizam para está questão, levando alunos aos monumentos históricos da cidade, onde são orientados sobre a história dos elementos e importância de sua preservação. O intuito é de contribuir para a formação de pessoas conscientes de sua cultura e identidade.

As comunidades, também, precisam do poder público auxiliando no desenvolvimento de ações para valorização e preservação do patrimônio cultural local. Contudo, a participação do governo, nesse processo, não deve se transformar em dependência: a comunidade só realiza manisfestações culturais caso o governo lhe dê alguma contribuição financeira. Em épocas juninas, observam-se, como exemplo, os casos de quadrilhas que fazem suas apresentações apenas quando recebem algum incentivo governamental, além das premiações em dinheiro. Em outros tempos, estas tradições ocorriam de forma simples e espontânea, as pessoas não ficavam a espera de terceiros para se expressar.

A iniciativa de cuidar de seu patrimônio parte de si mesmo, pois o morador é o dono de sua identidade. Isso é afirmado por Luciane Moreira, do Programa Monumenta, quando diz: «o conhecimento muitas vezes oral, por exemplo, o caso do folclore, o caso do pastoril, se não houver interesse da comunidade então ele vai ser perder por mais que tenha tido registro, você não tem o controle se aquela comunidade vai reconhecer como valor cultural. Então o mais importante do patrimônio de qualquer aspecto dele é que os donos se sintam donos e cuidem dele». Ela ainda comenta sobre uma pesquisa realizada pelo Monumenta e o IPHAN, que tinha como objetivo principal identificar, de acordo com a visão dos moradores do Bairro Santo Antônio, em Penedo, o que eles caracterizavam como principal patrimônio da região em suas vidas. De acordo com ela, a resposta foi unânime, **todos responderam que o patrimônio mais importante é o Rio São Francisco**, levando em consideração que a cidade é um lugar cheio de histórias, com seus casarios, teatros e sobrados seculares, a resposta foi apenas o Rio São Francisco.

Mesmo com o avanço tecnológico, que normalmente faz com que as comunidades esqueçam do passado, as pessoas ainda possuem estima por algum bem cultural, o que faz-nos pensar sobre oportunidades de resgate e valorização da nossa identidade, por meio de trabalhos eficientes de educação patrimonial, na intenção de se envolver com nosso patrimônio cultural.

## material e imaterial...

s manifestações deixadas por seus antepassados. Divide-se em patrimônio

na Tabanga, um **patrimônio** fazer, por sua vez, ali na panela, é mais utra manifestação de história daquela

Outro bem **bem imóvel**, a igrejinha do Munguengue, com seu estilo, técnicas de construção tradicionais, suas cores. Claro, também a paisagem do lugar faz parte do conjunto de **patrimônios materiais.**

A chata Iris Raiane, faz parte do **patrimônio material** do Baixo São Francisco, é um **bem móvel**, ao mesmo tempo que representa o resultado de técnicas seculares da tradição naval da região: carpintaria, cordoaria, fundição, velames. Este conhecimento está no grupo do **patrimônio imaterial**.

Pela sua importância como **patrimônio cultural** o conjunto arquitetônico de Penedo, foi tombado pelo IPHAN, o que, em tese, garante sua proteção.

# Agora, pense como este jornal chega até aí!

QUINTA PARTE

Texto: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. Fotoreportagem de: DAIANE FAUSTO DOS SANTOS e VAGNER AUGUSTO LIMA Fotos de apoio: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. / CANOA DE TOLDA / RIO DE BAIXO

DA ILHA DO FERRO, PARA O BONSUCESSO, DO OUTRO LADO DO RIO, É UM PULO. TALVEZ, ALI DO ALTO, UMA DAS MAIS BONITAS VISTAS DO BAIXO SÃO FRANCISCO. MAS O PORTO, MUITO DESCUIDADO, O QUE É UMA PENA.

DA. MARLUCE E A QUITÉRIA, DO GRUPO DE TEATRO LOCAL, SÃO AS RESPONSÁVEIS PELA DISTRIBUIÇÃO DO JORNAL ALI, NO POVOADO. O MATERIAL ENTREGUE, É HORA DE DESCER.

E CHEGAMOS A PÃO DE AÇÚCAR, EM GERAL, DIA DE SEGUNDA, QUANDO É A FEIRA DO LUGAR. A CAMINHADA ATÉ O ALTO DO HUMAITÁ É BOA. É ONDE MORA A GAL, NOSSA COLABORADORA.

A GAL TEM A MISSÃO DE ENTREGAR O MAIOR NUMERO DE JORNAIS EM TODO O BAIXO SÃO FRANCISCO. É BOM SINAL.

EM PÃO DE AÇÚCAR, NO CAMINHO PARA O PORTO, A MOSTRA MAIS FLAGRANTE DE UM PROBLEMA COMUM A TODO O BAIXO: O ESGOTO QUE CORRE SOLTO NAS RUAS, DESCENDO PARA O RIO. MAS, COMO JÁ FOI DITO, FAZ PARTE DA PAISAGEM, TUDO BEM, PARECE NÃO INCOMODAR...

PRÓXIMO PORTO, É A ILHA DE SÃO PEDRO, ONDE VIVE A COMUNIDADE INDÍGENA XOCÓ

NA «ANDADAZINHA BOA», ATÉ A CASA DA NANÁ, SE PASSA POR CADA QUINTAL BONITO, CHEIO DE PLANTAS, TUDO TÃO CALMO.

NA ILHA DE SÃO PEDRO, NOSSA COLEGA NANÁ RECEBE ISABEL, DA SAÚDE DA FAMÍLIA, QUE VEM VER AS CRIANÇAS DA CASA. NANÁ É UMA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DA COMUNIDADE.

SIM. GOINHA, TAMBÉM NOSSA COLEGA DE DISTRIBUIÇÃO, SEMPRE COBRA UMA PARADA PARA UMA PROSA MAIOR.

DA ILHA DE SÃO PEDRO, PUXADA PARA A VILA LIMOEIRO, QUE TAMBÉM TEM UMA VISTA LINDA DE TODA A REGIÃO, SOBRETUDO NOS FINAIS DE TARDE OU NOITES DE LUA.

NA CASA DE S. CHICO MARCENEIRO O AVISO DE QUE ALI TEM JORNAL.

POIS SEU CHICO MARCENEIRO, UMA CRIATURA QUE CONHECE MUITO DA HISTÓRIA DO LUGAR E DO BAIXO SÃO FRANCISCO, NÃO NEGA FOGO, NUNCA.

DE RIO ABAIXO, É HORA DE DAR O PORTO EM BELOMONTE, DE ONDE ANTES AS CANOAS SAIAM CARREGADAS DE CAL, PARA CIMA E DE RIO ABAIXO. AS CAUEIRAS CAUSARAM MUITOS IMPACTOS E HOJE ESTÃO FECHADAS.

ALI, NO BELOMONTE, O JORNAL FICA NAS MÃOS DE SEU OLIVEIRA, CANOEIRO VELHO DA MARGEM, QUE SEMPRE NOS ATENDE BEM EM SEU MERCADINHO.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO